



THE NEW RELIGION

DON PIETRO LEONE



A NOVA RELIGIÃO

Ora, o conteúdo da fé é imutável e infalível e, como o próprio Concílio Vaticano I (Primeiro) ensina, só pode desenvolver-se, através dos séculos, em clareza e profundidade de sua expressão. Nos últimos anos, no entanto, temos observado como certas doutrinas têm sido insinuadas no Magistério, que não constituem nem um esclarecimento nem uma compreensão mais profunda da Fé, mas sim novas doutrinas: de caráter herético, de fato ou tendenciosamente, de acordo com a agenda mortal do Modernismo.

O que gostaríamos de nos perguntar por ora com relação a essas doutrinas é se elas representam meras distorções ou falsificações dos respectivos artigos da Fé, ou se, juntamente com o Novo Rito da Missa, os Novos Ritos de todos os Sacramentos, o Novo Código de Direito Canônico, o Novo Breviário, o Novo Catecismo, a Nova Evangelização, a nova moralidade e espiritualidade vivida e pregada pelo clero, e a nova disciplina relaxada da Igreja (nas regras das ordens religiosas e do vestuário do clero) formam conjuntamente como um todo, uma Nova Religião.

Em nossa discussão sobre o novo ensino marital do Magistério da Igreja em nossa obra "A Família sob Ataque", oferecemos uma resposta a esta questão em termos da Gnose. O objetivo do presente ensaio é expor essa resposta com mais detalhes. O ensaio se enquadra nas seguintes partes:

I – A Gnose no começo do tempo;

II – A Gnose na Cabala Pervertida;

III - A Gnose como a Nova Religião.

Pós-escrito sobre a Gnose no mundo de hoje.

Quero agradecer a Francesca Romana por sua bondade e esforços incansáveis na tradução deste ensaio.[NT]

I

A GNOSE NO COMEÇO DO TEMPO

O grande teólogo argentino Don Julio Meinvielle escreve: "Ao longo da história humana, tem havido duas formas fundamentais de se pensar e viver: uma é a Católica e é a Tradição recebida de Deus, através de Adão, Moisés e Jesus Cristo; a outra é Gnóstica e Cabalística que nutre o erro de todos os povos, no paganismo e na apostasia, primeiro no judaísmo e depois no próprio cristianismo".

O primeiro destes grandes sistemas de pensamento e vida é, então, a Fé Católica (incluindo sua fase pré-cristã), e o segundo é a Gnose. O primeiro é a única verdadeira Fé e Religião. O segundo, na medida em que constitui um corpo coerente de doutrinas e é generalizada, na medida em que, em última análise, é ateia e, em sua essência, antagônica à única Religião Verdadeira, pode ser descrita como uma anti-religião, ou como a anti-religião por excelência.

Como devemos definir a Gnose? A palavra "gnose" vem do grego e significa "conhecimento". Como veremos mais adiante, esse conhecimento é entendido como uma forma de conhecimento arcano dirigido à auto-divinização do homem.

A Gnose, a eterna rival da Fé Católica, foi primeiro manifestada entre os homens no evento conhecido como o Pecado Original. Nós iremos meditar sobre este evento primordial como relatado no livro de Gênesis.

“Mas, a serpente era o mais astuto de todos os animais da terra que o Senhor Deus tinha feito. E ela disse à mulher: `Por que vos mandou Deus que não comesseis de toda a árvore do paraíso? Respondeu-lhe a mulher: nós comemos dos frutos das árvores, que estão no paraíso, mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos mandou que não comêssemos, e nem a tocássemos, não suceda que morramos. Porém a serpente disse à mulher: Vós de um modo morrereis; mas Deus sabe que, em qualquer dia em que comerdes dele, se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal. Viu pois a mulher que (o fruto) da árvore era bom para comer, formoso aos olhos e desejável para alcançar a sabedoria, e tirou do dela, e comeu, e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram; e, tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas”. (Gênesis 3, 1-7)

O evento aqui descrito, o do Pecado Original, sempre foi compreendido e ensinado pela Santa Madre Igreja como um evento real por parte do primeiro casal humano, Adão e Eva. Foi um pecado de orgulho e desobediência a Deus, causado pela sedução do Diabo na forma de uma serpente: uma ação que, na medida em que foi realizada pelos representantes de toda a humanidade, trouxe danos não só a eles, mas também para toda a humanidade. Este evento, ao mesmo tempo, constitui o paradigma da Gnose.

Em primeiro lugar, observamos que a Gnose se baseia na negação da Revelação Divina, na negação da Palavra de Deus, a saber, que a morte será a consequência do comer do fruto proibido. Por esta razão pode ser descrita como herética, mesmo que não seja herética no sentido típico e formal de se negar um dogma da Fé.

Vamos examinar o sistema gnóstico à luz da Fé Católica: primeiro em sua teologia, depois no conhecimento que pretende oferecer ao homem, e finalmente em sua moralidade.

1) Teologia Gnóstica

A principal característica da teologia gnóstica é o Monismo. A razão para isto é simples: se o homem pode tornar-se Deus através de seus próprios esforços, o homem deve participar da natureza de Deus: o homem e Deus devem possuir uma única natureza, diferenciada somente de acordo com o grau e a perfeição dessa natureza.

A teologia gnóstica é monista; a teologia católica, ao contrário, é dualista, ensinando que o homem e Deus possuem duas naturezas diferentes: uma natureza humana e uma natureza divina. Essas duas naturezas não são diferenciadas apenas e essencialmente de acordo com seu grau de perfeição, mas sim na sua diversidade ontológica.

Vemos ainda que a principal característica da Gnose, ou seja, o Monismo, inclui outra característica - a imanência - pois se o homem e Deus possuem a mesma natureza, se não são distintos em sua natureza, então Deus deve ser imanente ao homem.

Em contraste, a Filosofia e a Teologia Católicas ensinam que Deus é transcendente para o homem e, de fato, para todo o universo: a Filosofia ensina que Ele está absolutamente acima e além do universo: absolutamente independente dele; A Teologia ensina o mesmo, com base no dogma que se afirma no Credo, de que Deus é o Criador e o Juiz do mundo: Ele, que criou o mundo através de um ato perfeitamente livre da vontade e é também seu Mestre e Juiz, é necessariamente e absolutamente independente dele.

Outra característica da teologia gnóstica é a mutabilidade de Deus. De acordo com a Gnose, o homem torna-se Deus, de modo que, em certo sentido, o próprio Deus está em um processo de vir a ser, o que significa que há um certo movimento e mutabilidade em Deus.

A Filosofia e a Teologia Católicas, por outro lado, ensinam que em Deus não há mutabilidade, nem movimento, nem mudança, visto que Deus é o próprio Ser, a Plenitude do Ser, Ato Puro em quem tudo é atualizado.

Concluindo, então, vemos três erros na teologia gnóstica como já expressos no livro de Gênesis: o Monismo em contraste com o Dualismo; a Imanência absoluta em contraste com a Transcendência; a Mutabilidade em contraste com a Imutabilidade de Deus, Ato Puro.

Observamos em relação ao segundo ponto, que a doutrina da imanência absoluta de Deus é logicamente insustentável. Isto porque o conceito de Deus, aprofundado pela reflexão teológica, é um conceito de um Ser necessariamente transcendente ao mundo. Se negarmos a transcendência de Deus, postulando que Ele é apenas imanente ao mundo, efetivamente negamos Sua própria existência. O mesmo vale para os outros erros teológicos da Gnose: o Monismo entre Deus e o homem e a mutabilidade de Deus.

2) O Conhecimento Gnóstico

Quanto ao tipo de conhecimento pelo qual a Gnose pretende divinizar o homem, podemos fazer as seguintes observações:

I) O conhecimento a que se refere a passagem do Gênesis é de dois tipos: o primeiro tipo é o conhecimento de como ser divinizado, o conhecimento de um meio para se obter um fim: ou seja, o conhecimento de uma prática particular (comer o fruto); o segundo tipo de conhecimento é o fim proposto a Adão e Eva: isto é, o Conhecimento do Bem e do Mal;

II) O conhecimento (em ambos os casos) é puramente natural;

III) É Desvinculado da vontade: não é dirigido para o exercício da vontade ou de qualquer ação;

IV) É procurado pelo prazer, sobretudo pelo prazer sensual: “(o fruto) da árvore era bom para comer, formoso aos olhos e desejável para alcançar a sabedoria”

V) É arcano: não é acessível a todos, mas oculto, de fato intencionalmente.

Comparemos este conhecimento oferecido aos nossos primeiros pais pelo Demônio com o conhecimento de Deus oferecido ao homem pela Religião Católica.

I) O conhecimento de Deus oferecido ao homem pela Religião Católica é também de dois tipos: o primeiro tipo é a própria Fé que é um meio de alcançar o fim último do homem no Céu; o segundo é a Visão Beatífica, que constitui esse fim. O conhecimento de Deus em ambos os casos é o conhecimento da Santíssima Trindade, um conhecimento que é, portanto, infinitamente superior ao oferecido a Adão e Eva.

II) Este conhecimento é o conhecimento sobrenatural: uma iluminação do intelecto por meio da Graça e da Glória, respectivamente; enquanto que, como já dissemos, o conhecimento oferecido a Adão e Eva é de ordem puramente natural;

III) Além disso, o conhecimento de Deus é dirigido ao exercício da vontade na Caridade: realizar cada ação e conduzir toda a vida pelo amor a Deus durante este exílio terrestre, e no seu fim descansar e deleitar-se em Deus no paraíso;

IV) O prazer não é a razão para se buscar o conhecimento, mas é a consequência de se ter agido de acordo com esse conhecimento vivendo uma vida virtuosa;

V) Finalmente, o conhecimento de Deus nesta vida, isto é, a Fé, não é arcano, nem oculto por Deus, mas revelado ao homem, com a ordem de ser proclamado ao mundo inteiro.

Concluindo, vemos que o conhecimento gnóstico não é mais que uma sombra pálida, um substituto enganoso, do verdadeiro conhecimento de Deus: seu objeto não é a Santíssima Trindade, seu modo não é sobrenatural; é desassociado das boas obras, é buscado pelo prazer, e é falsamente apresentado como o Verdadeiro Bem.

3) A Moralidade Gnóstica

Examinemos finalmente a moralidade gnóstica, como se manifesta na passagem do Gênesis, comparando-a com a Teologia Moral Católica.

- I) Definimos a Gnose como um sistema de auto-divinização. Como tal, está em oposição ao Cristianismo que ensina que a divinização do homem procede somente de Deus;
- II) O primeiro tipo de divinização consiste na transformação do homem em Deus, perdendo a sua identidade, o segundo na sua participação em Deus enquanto mantém a sua identidade;
- III) No primeiro o homem se faz Deus: sem Deus, em lugar de Deus e apesar de Deus, (São Máximo o Confessor em referência ao Pecado Original); No segundo, o homem é divinizado humilhando-se diante de Deus;
- IV) O primeiro ocorre através de esforços naturais; o segundo através da Graça Sobrenatural de Deus;
- V) O primeiro é uma forma de autodeterminação; o segundo uma determinação efetuada por Deus;
- VI) O primeiro se origina no conhecimento natural e, como é o caso de todo o conhecimento natural, é especializado e dominado pelo sujeito e absorto nele; o segundo se origina no conhecimento sobrenatural ao qual o objeto deve submeter-se, sacrificando seu intelecto à Verdade absoluta.
- VII) O tipo de conhecimento gnóstico, como dissemos, é desassociado das boas obras; O tipo de conhecimento católico está essencialmente dirigido a elas;
- VIII) O primeiro é motivado pelo prazer, o segundo pelo amor.

Em síntese, o primeiro é caracterizado por orgulho e egoísmo; o segundo por humildade e sacrifício. Em suma, pode-se dizer que a Gnose é o Egoísmo elevado ao status de uma Religião.

A Gnose capacita o homem a ser como Deus em um sentido, isto é, no exercício do seu livre arbítrio para fazer tudo o que ele deseja, mas à custa da beatitude eterna. A Fé Católica, por outro lado, capacita o homem a tornar-se como Deus no exercício do seu livre arbítrio em harmonia com a ordem estabelecida por Deus: a ordem do Verdadeiro Objetivo e do Bem, com o propósito de conhecer e amar a Deus aqui na Terra e depois no Paraíso.

No Jardim do Éden há duas árvores: a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, e a Árvore da Vida. Para comer da primeira árvore o orgulho é necessário, para comer da segunda, o sacrifício. A primeira representa a Gnose, a perene rival da Fé Católica; a segunda representa a Fé: pois a segunda é a Árvore da Cruz, cujos frutos são todas as graças e bênçãos de Deus aqui na Terra e as eternas alegrias do Céu. Para conquistar a posse destes, no entanto, é necessário passar pelo sofrimento e o sacrifício, tomando a Cruz e levando-a atrás de Nosso Senhor, a Quem seja dada toda Honra e toda Glória pelos séculos dos séculos. Amen.

A GNOSE NA CABALA PERVERTIDA

Dissemos que a Gnose foi apresentada aos homens pela primeira vez no Pecado Original.

Antes de prosseguir, no entanto, desejamos observar que ela se manifestou ainda antes, na Queda dos Anjos. Pois, uma vez que a essência de uma coisa é determinada pelo seu fim último, podemos identificar a essência da Gnose como a tentativa por parte da criatura de divinizar-se a si mesmo. Isto, contudo, já tinha ocorrido com a rebelião dos anjos. Lúcifer e os outros anjos queriam tornar-se Deus, isto é, sem Deus: sem ajuda e por seus próprios esforços. A consequência foi sua queda e sua transformação de anjos em demônios.

Quis ut Deus? Respondeu São Miguel Arcanjo, já que ninguém, de fato, é como Deus, mas esta foi precisamente a afirmação de Lúcifer: ser como Deus, e é a mesma pretensão que ele mais tarde propôs a Adão e Eva.

A Gnose remonta, então, em sua essência, aos primeiros momentos do universo, ao primeiro ato livre das criaturas racionais. A partir daí se desenvolveu ao longo dos séculos, assumindo cada vez mais amplas proporções teológicas e morais. Ela toma caminhos diferentes de acordo com as religiões e nações que visita: seja hinduísmo, budismo, judaísmo; seja na nação persa, na nação egípcia, e assim por diante.

Vamos nos concentrar na Religião Judaica, considerando, com Don Julio Meinvielle, que esta é a forma mais influente de Gnose no mundo moderno.

Ora, a Gnose judaica é uma perversão da Cabala. A Cabala, antes de sua perversão, constituía a tradição oral do Antigo Testamento. A fé judaica autêntica, que se tornou a Fé Católica com o advento do Senhor, tinha uma dupla tradição: uma tradição escrita e uma tradição oral, exatamente como a Fé Católica.

Essa tradição sublime e mística, no entanto, sofreu um processo de perversão sob a influência da Gnose egípcia. A Gnose egípcia remonta três mil anos antes da vinda do Senhor, e daí, naturalmente, ao início dos tempos. A perversão ocorreu durante o exílio do povo judeu no Egito no século XIV antes de Cristo, e depois na Babilônia no século VI AC de uma forma ainda mais prejudicial.

Parte dessa influência consistia em práticas mágicas e parte em falsas doutrinas. As falsas doutrinas eram negações da Revelação Divina, como contidas na Fé judaica pré-cristã, e podem, portanto, como vimos na primeira seção, serem consideradas como heresias *sensu lato*. Esses erros insinuaram-se na tradição oral judaica e representam um desenvolvimento de doutrinas gnósticas centrais.

As doutrinas que queremos examinar agora são duas:

- 1) A transformação do homem em Deus;
- 2) O monismo entre Deus e o homem.

Examinaremos essas duas doutrinas em seus vários desenvolvimentos, primeiro à luz da Fé, depois à luz da razão.

A. A Transformação do Homem em Deus

A doutrina da transformação do homem em Deus é elaborada como um processo de evolução e inclui os seguintes elementos:

- 1) O surgimento de Deus, do mundo e do homem do nada;
- 2) A Reencarnação;
- 3) O Cumprimento Gradual e a Realização de Deus e do Homem.

1) O surgimento de Deus, do Mundo e do Homem do Nada

A Fé nos ensina que Deus existe eternamente e não tem começo no tempo. Ensina-nos também que o mundo e o homem não vieram a existir de si mesmos, mas que Deus os criou e os fez do nada, *ex nihilo*: mas não do nada como de uma substância pré-existente, mas do nada no sentido de que de fato, não havia uma substância pré-existente.

Além disso, a razão nos ensina que nada pode sair do nada, como nada, por definição, não existe.

2) A Reencarnação

Na Carta aos Hebreus, lemos (9.27): "É ordenado que os homens morram uma vez, e depois disto vem o julgamento". A Fé nos ensina, além disso, que a alma humana é capaz de desenvolvimento positivo, mas não por meio de reencarnações repetidas, mas pela obra de perfeição moral e santificação.

A razão nos ensina que a reencarnação é impossível, uma vez que cada alma humana é o princípio de seu próprio corpo humano: a alma humana não pode informar (ou atualizar) um corpo não-humano e nem pode informar um corpo humano que não seja o seu próprio.

3) O Cumprimento Gradual e a Realização de Deus e do Homem

A Fé nos ensina que Deus é imutável e não muda. São Tiago escreve (1.16-17): "Portanto, não se enganem, meus queridos irmãos. Todo melhor dom e todo dom perfeito é de cima, descendo do Pai das luzes, com quem não há mudança, nem sombra de alteração".

A razão nos diz, além disso, que Deus, como dissemos acima, é transcendente e imutável por definição. Se algo muda no homem, então ele não é Deus.

Acrescentamos uma última crítica lógica, que é válida para as três doutrinas evolucionistas, isto é: o maior não pode derivar do menor: a substância não pode proceder do

nada; Deus não pode proceder do homem; a alma não pode purificar-se por si mesma no curso de vidas sucessivas.

B. O Monismo

O Monismo entre Deus e o homem é elaborado na direção de três formas distintas de monismo:

- 1) Um monismo ontológico entre Deus e o universo, onde o universo é considerado em certo sentido como divino: uma doutrina panteísta;
- 2) Monismo moral, onde o bem e o mal são considerados partes integrantes de uma realidade maior, que não permite nenhum princípio real de distinção entre eles. Este monismo moral é considerado na análise final como o próprio Deus;
- 3) Um monismo lógico em que até mesmo a Verdade e a Falsidade se reconciliam entre si.

1) Monismo entre Deus e o Universo (Panteísmo).

Nós respondemos a este erro como nós respondemos ao erro do Monismo entre Deus e o homem. A Fé ensina que Deus é o Criador: *Credo in unum Deum, creatorem coeli et terrae*. Deus é, portanto, inteiramente independente do universo, que Ele criou com um livre ato de Sua vontade. Ele (o universo) não emanou Dele de acordo com Sua natureza; não veio à existência necessariamente.

Além disso, a Razão nos ensina que o conceito de Deus é um conceito de um Ser essencialmente transcendente.

2) Monismo Moral

O monismo moral é, na verdade, concebido como a tese de que o bem e o mal são uma só coisa e que o mal existe em Deus.

A Fé nos ensina, por contraste, que o bem e o mal são princípios distintos que se opõem um ao outro; que por aderir ao bem o homem é salvo, e aderindo ao mal é condenado.

A Fé nos ensina igualmente que Deus é infinitamente bom, o Pai das Luzes, Quem, para citar mais uma vez a S. Tiago (1.13): "não é um tentador dos males e não tenta ninguém".

A razão, de acordo com a doutrina de Santo Tomás, nos ensina que o bem e o mal não formam uma só entidade, na medida em que o Bem é o próprio Ser e o mal é a privação do Bem: é a privação de um bem que é devido a ele. O mal não está em Deus, na medida em que Deus é infinitamente e necessariamente bom. Como dissemos das outras perfeições de Deus, assim podemos dizer sobre Sua bondade: se Ele não é bom, então Ele não é Deus.

3) O Monismo lógico

O Monismo lógico afirma que o verdadeiro e o falso também constituem uma única realidade. A Gnose mantém isso, por exemplo, em seu sincretismo, sustentando que todas as religiões e filosofias são iguais.

A Fé nos ensina, em contraste, que o Verdadeiro e o Falso são opostos, e o Senhor diz (Mt 5,37): "Seja o vosso discurso seja sim, sim: não, não; e o que está acima e acima destes é de mal" .

A razão afirma que o falso é uma negação do verdadeiro. Como Aristóteles diz, é impossível que a mesma coisa, ao mesmo tempo e da mesma maneira, seja verdadeira e falsa. Este é o princípio da não contradição, um dos primeiros princípios do pensamento e da metafísica. Se renunciarmos a esses primeiros princípios, renunciaremos à própria racionalidade e à própria possibilidade de compreender e explicar qualquer coisa.

Dom Julio Meinvielle sustenta que o absurdo do Monismo Lógico - que Verdadeiro e Falso formam uma única realidade - é a consequência da absurda tese gnóstica de que o mundo, o homem e Deus emergiram do nada.

Diríamos, antes, que isso corresponde a todos os absurdos ensinados pela Gnose: emergência do nada, reencarnação, desenvolvimento de Deus no mundo, panteísmo, a chamada reconciliação entre o bem e o mal. Em última análise, o Monismo Lógico é um resultado da tese fundamental da Gnose: que o homem pode se tornar Deus. A irracionalidade desta tese resulta da rebelião da vontade contra a Verdade. De fato, a tese não é senão a expressão final dessa rebelião.

III

A GNOSE COMO A NOVA RELIGIÃO

Se estamos realmente face a face com uma Nova Religião, a nossa próxima pergunta deve ser, qual é a sua natureza? Antes de examiná-la na luz sombria da Gnose, podemos perguntar se é simplesmente uma nova forma de Protestantismo, Humanismo ou Ateísmo. Certamente a Fé Católica, como se apresenta hoje, tem certa semelhança com cada um desses sistemas. Mas essa semelhança, sugerimos, não deriva de um princípio peculiar a qualquer um desses sistemas, mas sim de um princípio que todos esses sistemas compartilham, a saber, o do subjetivismo.

O subjetivismo, na opinião de vários estudiosos modernos como Romano Amerio e Paul Hacker, é de fato o princípio essencial da teologia de Martinho Lutero, assim como é igualmente do humanismo (anti-cristão) e do ateísmo - sob a forma de antropocentrismo. E, contudo, devemos admitir que o princípio do subjetivismo é ainda mais claramente marcado na Gnose do que nesses três sistemas: pois, como já dissemos, a Gnose não é outra coisa senão o Egoísmo elevado ao status de Religião.

Ora, para que a Nova Religião se qualifique como uma forma de Gnose, não deve ser claramente caracterizada pelo subjetivismo, mas deve também compartilhar um número suficiente das qualidades do último sistema que enumeramos acima. Olhando de perto para a Nova Religião à luz da Gnose, podemos ver que as qualidades que ela compartilha com a Gnose são, antes de tudo, o princípio essencial do último que é a auto-divinização do homem; A importância central dada ao conhecimento e à sensualidade; ao monismo triplo; e finalmente ao princípio da Evolução.

Antes de tentarmos mostrar isso em detalhes, faremos a breve observação histórica de que a cabala pervertida sofre desenvolvimento posterior no período após o nascimento do Cristianismo e mais tarde na Idade Média, culminando na obra de Mosè de Leon. Ela entra no mundo cristão com Ramon Lull, o abade Joaquim di Fiore e Pico della Mirandola; no mundo moderno com Leibniz, Spinoza, Fichte, Schelling, Hegel e, finalmente, com o jesuíta apóstata, Teilhard de Chardin.

1) A auto-divinização do homem

Esta tese é manifesta na Nova Religião, por exemplo, na declaração de que o homem é "a única criatura querida por si mesmo" (*Gaudium et Spes*, uma declaração que o Cardeal Schoenborn descreve como a chave para a compreensão do Novo Catecismo de que foi redator -chefe); e que o homem (pelo menos no matrimônio) seja amado com um amor de "doação total" (*Familiaris Consortio*). Ressaltamos que a auto-divinização em questão já não é considerada como um processo a ser realizado, mas como um ato já realizado.

A Auto-Divinização do Homem em sua extensão mais ampla pode ser descrita como Idolatria Antropocêntrica, ou como a mais profunda preocupação pelo bem-estar, prazer e sensibilidade do homem. Constitui um novo e sufocante Humanismo, onde Deus é descartado e o homem colocado em Seu lugar. Este novo Humanismo está realmente alcançando o status de um dogma genuíno nas bocas do Clero e até mesmo da Hierarquia; é expressa nos abusos litúrgicos onde se celebram os Mistérios Sagrados (nas palavras do Papa Bento XVI) "como se Deus não existisse".

2) O Conhecimento

O tipo de conhecimento oferecido pela Igreja contemporânea que lembra a Gnose é o conhecimento de Deus pela experiência. A experiência pode assumir a forma de um encontro espiritual com Nosso Senhor Jesus Cristo, como no movimento carismático, derivado da entusiasta tradição protestante. Alternativamente, pode assumir a forma de um encontro sacramental com "O Senhor Ressuscitado", considerado como a própria essência da Santa Missa.

Uma diferença entre este tipo de conhecimento e o conhecimento gnóstico tradicional é que ele não é mais caracterizado como arcano.

Um aspecto importante deste conhecimento de Deus é o prazer, ou alegria, lembrando a natureza prazerosa do conhecimento gnóstico. Na verdade, o movimento carismático e a Igreja moderna em geral (sob a influência deste movimento), colocaram uma ênfase considerável na alegria. Na verdade, eles veem a vida cristã sob esta luz e acham difícil suportá-la ou compreendê-la na ausência da alegria.

Esta alegria espiritual é expressa nas manifestações mais festivas da música moderna da Igreja, com seu carregado conteúdo emocional, seu volume animado e melodias, em completo contraste com a solenidade e sobriedade do canto gregoriano e do canto dos antigos ritos orientais, e com a profundidade do primeiro (canto gregoriano) em sua alegria espiritual, na ordem e harmonia que ele infunde nos sofrimentos do coração humano e em sua nostalgia inefável pela pátria Celestial.

3) A Sensualidade

Voltemos a olhar para a frase do Gênesis: "(o fruto) da árvore era bom para comer, formoso aos olhos e desejável para alcançar a sabedoria". A frase descreve os primeiros movimentos da concupiscência por parte de Eva e refere-se não apenas ao conhecimento prazeroso, mas também, e mais geralmente, ao prazer sensual. Além disso, este encontro primordial entre a Mulher e o Diabo é tradicionalmente tomado como um símbolo da impureza a que o encontro conduzirá. Sensualidade e impureza passariam a se tornar características típicas da Gnose nos milênios a seguir.

Já observamos em nosso livro "A Família sob ataque" uma mudança contemporânea na doutrina central da Igreja sobre o amor: do amor sobrenatural da Caridade ao amor natural dos sentidos - ao afeto, à alegria, ao sentimentalismo e às sensibilidades. Em relação à ética marital em particular, tentamos explicar - na última edição (alemã) do livro - como o Magistério da Igreja apresenta agora a essência do casamento como um "amor sensual absolutizado".

Nos Sínodos dos Bispos sobre a Família, membros significativos da Hierarquia estavam satisfeitos em aceitar a coabitação extra-conjugal e as uniões anti-naturais. Na subsequente encíclica papal *Amoris Laetitia*, observamos, mesmo no título, uma preocupação com a alegria e, no corpo do texto (§298 com a nota 329), um movimento no sentido de relaxar a absoluta proibição e condenação de Nosso Senhor ao adultério, em favor do amor sensual. Seguindo de perto este documento, foram distribuídos panfletos na "Jornada Mundial da Juventude" na Polônia pela Pontifícia Comissão para a Família, repletos de obscenidades e satanismos. Em suma, um espírito de sensualidade entrou na mente dos modernos membros da Igreja que lembra os piores excessos do Catarismo.

4) O Triplo Monismo

A) O Monismo Ontológico

O monismo ontológico em questão aqui é a tese de que Deus e o homem compartilham a mesma natureza. Esta tese, como mostramos acima, é implicada pela auto-divinização do homem por seus próprios esforços. Observamos esta forma de monismo na Igreja de hoje no silenciamento da doutrina sobre a Graça, que é o único meio de unir os mundos naturais e sobrenaturais. A graça não é mais mencionada, e a atenção é dada, pelo contrário, a um amor indefinido e vago como a chave para o Céu.

Um exemplo concreto é a presunção de que Nosso Senhor Jesus Cristo se uniu a cada homem através de Sua Encarnação, entendida como um ato redentor. Outro exemplo é a presunção de que existem meios de santificação fora da Santa Igreja Católica Romana.

B) O Monismo Moral

O monismo moral dentro da Igreja de hoje consiste na atitude de se considerar qualquer ação como moralmente boa. A atitude manifesta-se no silenciamento sobre a noção de pecado (sobretudo o pecado mortal) e do inferno. Os fiéis não são mais ensinados a confessar, particularmente depois de cair em pecado mortal, nem de se abster de receber a Sagrada Comunhão nesse estado. Um pecado normalmente passado em silêncio é o da impureza [1]. Isso corresponde à predileção gnóstica pela sensualidade e libertinagem.

A mesma atitude (que toda ação é moralmente boa) manifesta-se na atitude relacionada de que todos os homens serão salvos, pois Deus é "Amor" ou infinitamente misericordioso (com a exclusão de Sua infinita Santidade e Justiça).

C) O Monismo Lógico

O Monismo lógico afirma que o Verdadeiro e o Falso coexistem. Assumindo que as doutrinas Tradicionais são verdadeiras e as Modernistas falsas, podemos ver o que o Monismo Lógico consegue hoje em dia no seio da Santa Igreja Católica: enquanto um pároco professa doutrinas como o Inferno, o Limbo, o Purgatório, outro as nega; ou como vimos no Sínodo dos Bispos sobre o Matrimônio, um Bispo sustentando doutrinas católicas sobre o casamento, o adultério, o divórcio e a Santa Comunhão, e outro as negando.

O monismo lógico não só ocupa um lugar na Igreja de hoje, mas é também a posição oficial da Hierarquia contemporânea, que considera ambas as visões como válidas e ambas como Católicas. Alguns membros da Hierarquia realmente tentam harmonizar as visões vendo como que uma "continuação" da outra, mas é claro que as posições são, na realidade, mutuamente exclusivas, e é claramente impossível testemunhar a Verdade tornando-a Falsa, por mais que se espere .

O monismo lógico implica desprezo pela verdade objetiva. Este desprezo, no caso da Fé, é o desprezo, hoje em dia, da Verdade sobrenatural, imutável, que é o Dogma.

Quanto ao dogma, podemos responder o seguinte:

- I) Há uma realidade objetiva;
- II) Deus é essa realidade objetiva em um sentido absoluto e definitivo;
- III) A fé é o conhecimento de tal realidade;
- IV) A fé não nos dá um conhecimento perfeito de Deus, pois só Deus pode ter perfeito conhecimento de si mesmo;
- V) A Fé, no entanto, dá certo conhecimento de Deus: mais seguro do que a evidência dos sentidos;
- VI) A Igreja tem o mandato divino de ensinar esta realidade, estas realidades, estas verdades, para a salvação do homem: para a salvação de cada homem na Terra;
- VII) O exercício deste mandato goza de infalibilidade;
- VIII) As verdades que a Igreja ensina dessa maneira são infalíveis e são conhecidas como "Dogmas". Aquele que nega um dogma se coloca fora da Igreja e não é mais Católico.

5) A Evolução

O tipo de evolução gnóstica que se encontra na Igreja de hoje se expressa na atitude de que as Verdades da Fé podem mudar ao longo do tempo. Um exemplo é a atitude de que a Igreja foi a única Arca da Salvação no passado, mas agora já não é mais [2]. A maior parte da Hierarquia e do Clero, se eles não sustentam que as doutrinas tradicionais e modernistas coexistem de alguma forma, parecem acreditar que as Verdades da Fé são mutáveis, ou pelo menos atuam ou pregam como se fosse esse o caso [3].

Observamos que esta atitude só é sustentável se a "Verdade" for considerada à altura da teoria científica: como um esforço para expressar cada vez mais claramente uma realidade elusiva; se é entendido em seu sentido normal e objetivo, então a atitude é claramente absurda.

Observamos que os elementos gnósticos da auto-divinização do homem, do triplo monismo e da tese de que a Verdade evolui ao longo do tempo podem ser encontrados no ecumenismo falso ou não-católico. Lembramos que o ecumenismo tem dois sentidos: um sentido Católico e um não Católico. O sentido Católico é a iniciativa de converter todos à Fé única e verdadeira. O sentido não católico é a iniciativa de promover algum bem espiritual ou moral, tipicamente vago e indefinido, por meio de encontros entre Católicos e membros de outras confissões Cristãs ou de outras religiões. Essa tentativa é sincretista e, como tal, típica da Gnose como dissemos acima.

O ecumenismo não católico busca a união entre os participantes com base no que eles têm em comum. Por esta razão, negligencia a Graça, a Moralidade Católica e a Verdade Católica em sua integridade. Ao negligenciar a Graça, porém, favorece o Monismo Ontológico

(Panteísmo); ao negligenciar a Moral, favorece o Monismo Moral (a tese de que o Bem e o Mal podem coexistir); ao negligenciar a Verdade, ela favorece o Monismo Lógico (a tese de que Verdadeiro e o Falso podem coexistir). Além disso, em seu exercício de "Diálogo", entendido como uma busca interminável pela verdade (desprovida do princípio *iam satis est*, como observa Romano Amerio), expressa a atitude de que a verdade pode mudar ao longo do tempo. Finalmente, ao não colocar o Uno, Verdadeiro Deus no centro do encontro e do Mundo, ele coloca necessariamente o Homem neste lugar.

Concluimos que A Nova Religião com a qual nos confrontamos hoje tem características suficientes da Gnose para ser denominada "Gnóstica". Mais precisamente, pode ser chamada de "neo-gnosticismo", pois o gnosticismo é o nome dado a essa mistura de doutrinas gnósticas Católicas e não Católicas, nas quais a Fé da Igreja primitiva se desintegrava, até ser salva pelos Santos e pelos Santos Doutores da Igreja, e o que estamos vendo hoje em dia é simplesmente uma nova forma do mesmo fenômeno.

Voltemos às nossas reflexões iniciais. Há duas maneiras pelas quais o homem pode tentar se divinizar: por meio da Fé Católica ou por meio da Gnose.

A Fé Católica ensina que o homem é divinizado nesta vida através de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, através da Graça e dos Sacramentos, sobretudo o Batismo e a Eucaristia; não em virtude de práticas mágicas, mas por uma vida boa; não tomando, mas dando; não buscando a si mesmo, mas buscando a Deus; não pelo orgulho, mas pela humildade; não se inflando, mas por auto-aniquilação; não através da evolução, mas através do progresso moral; não através da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal: um conhecimento falso, irracional e fantasmagórico, mas através da Árvore da Vida.

A Árvore da Vida é a Árvore da Cruz e o seu prolongamento está na Santa Missa. Esta é a Árvore que nos protege do calor deste mundo cruel sob a sua sombra doce e pacífica; que nos nutrirá com seus sublimes frutos na Eterna Bem-Aventura do Céu: se tomarmos a nossa cruz e seguirmos Nosso Senhor, como Ele nos ensina: participando dos Seus sofrimentos nesta Terra, para compartilhar Sua Glória no Céu. Amém.

Laudetur Jesus Christus. Em Aeternum. Amém.

Pós-escrito

A GNOSE NO MUNDO DE HOJE

Na próxima seção examinaremos a Gnose no mundo contemporâneo à medida que ela floresce fora da Igreja, primeiro no ateísmo e depois nas seitas esotéricas.

1. Ateísmo

A Gnose está presente no ateísmo de três maneiras:

A) na medida em que o ateísmo, com sua doutrina da evolução, sustenta que o homem evoluiu de algo menos que ele mesmo ou mesmo do nada;

B) na medida em que o ateísmo, com a mesma doutrina, implica que esse princípio, a partir do qual o homem procede e no qual ele se dissolve, é ao mesmo tempo uma realidade superior;

C) na medida em que o ateísmo, ao negar Deus, efetivamente diviniza o homem.

Este tipo de Gnose, que é o Ateísmo Positivo, é nutrido pela filosofia moderna, começando com o antropocentrismo de Descartes e continuando com os vários sistemas modernos de materialismo e idealismo. É nutrido igualmente pelo budismo, um sistema ateísta que sustenta que o homem procede do nada e depois se dissolve no nada, visto, ao mesmo tempo, como uma realidade superior ("Nirvana").

2. As Seitas Esotéricas

O segundo tipo de Gnose fora da Igreja é encontrado nas seitas esotéricas: Satanismo, Maçonaria, Teosofia, Antroposofia e o chamado movimento da Nova Era, que devem ser considerados como herdeiros legítimos da Gnose.

Satanismo

O Satanismo ensina doutrinas já manifestadas na Gnose antiga: o politeísmo, e em particular a existência de dois deuses: um bom e o outro mal; a criação do mundo por um Demiurgo; a identificação dele com o deus mau. Ao longo dos séculos, o Deus do Antigo Testamento veio a ser identificado com este deus maligno que quer que o homem sofra, enquanto que Satanás é apresentado como o deus bom que quer libertar o homem e fazê-lo feliz. O princípio moral do Satanismo é: *fac quod vis*: faça o que quiser.

O Satanismo exerce uma influência importante sobre as outras seitas modernas mencionadas acima, sobre as quais vamos agora dizer algumas palavras.

B) A Maçonaria

A Maçonaria é uma sociedade secreta que professa um humanismo racionalista e tipicamente ateísta. Léon de Poncins, em seu livro "A Maçonaria nos seus documentos secretos" escreve: "O grande segredo é, em certo sentido, a eminente soberania do homem. É a afirmação da supremacia do homem diante da Revelação... O homem, diz a Maçonaria, é um possível Deus. Uma vez que o organizamos socialmente, internacionalmente e universalmente, ele rirá diante do Deus de nossas lendas e pesadelos que é seu perseguidor. É a libertação do Homem do Divino.

O estabelecimento de uma ordem mundial político-religiosa de inspiração humanista é o objetivo central da Maçonaria, através da destruição do Estado (sobretudo do Estado monárquico) e da Igreja.

Ela visa o objetivo anterior incitando Revoluções, como a Revolução Russa; atacando a sociedade e a família, nomeadamente através de divórcios e programas educativos imorais [4], incluindo o de "Gênero"; e promovendo o ateísmo, explicitamente ou implicitamente por trás de um véu de panteísmo e politeísmo.

Ela visa o último objetivo, infiltrando seus próprios membros dentro da Igreja e exercendo pressão sobre ela de fora e por dentro para fazê-la colapsar doutrinariamente, liturgicamente [5], e moralmente.

O racionalismo e o ateísmo da Maçonaria formam a base para seu antagonismo particular com a Igreja Católica, com a pretensão desta última de ensinar verdades sobrenaturais e objetivas sob a forma de dogmas e Revelação Divina; e com sua intenção de viver, e ensinar os outros a viver, de acordo com tais Verdades.

A maçonaria manifesta o Satanismo de três maneiras particulares: em seus ritos pervertidos, que incluem sacrilégios e sacrifícios humanos; em seu objetivo de destruir a Igreja Católica; e em sua finalidade ulterior e definitiva, que é a adoração do homem no lugar de Deus [6].

O princípio supremo pessoal da Maçonaria é o "Grande Arquiteto", entendido diversamente, com a fluidez doutrinária com que se caracteriza, como Deus, o Homem ou o Diabo.

Desde seu nascimento no século XVIII, a Maçonaria, um dos inimigos mais poderosos da Igreja Católica e seus fins, que são a glória de Deus e a salvação das almas, tem sido objeto de pelo menos 14 condenações solenes por parte dos Pontífices Romanos e o Santo Ofício.

O Concílio Vaticano II, ao contrário, representa uma virada na postura oficial da Igreja para com ela. De acordo com o Abade Daniel Leroux em seu livro "Pietro mi ami tu?" (Edizioni Gotica, p.92): "Através do Cardeal Bea, os maçons obtiveram o decreto sobre a liberdade religiosa e aplaudiram a vitória do falso ecumenismo e a colegialidade". O mesmo autor cita discursos de acolhimento no Vaticano por parte do Papa João Paulo II aos maçons da "Trilateral" e da seita judaica "B'nai B'rith", que apelam a princípios humanistas supostamente compartilhados por ambas as partes; ele mostra como o novo Código de Direito Canônico (1983) deixou de excomungar membros da Maçonaria e, de fato, nem sequer os menciona [7].

C) Teosofia

A Teosofia, elaborada pela Madame Blavatska, sustenta que o mal é um dos princípios que sustentam o mundo, uma necessidade para a evolução e o progresso. O espírito do mal, chamado 'Lúcifer', é a energia ativa do universo, é uma lei que reconcilia os opostos e produz a harmonia final. Esta lei, em sua opinião, libertará o homem da Falsidade (claramente se referindo à Fé Católica) para obter sua auto-redenção.

D) Antroposofia

A Antroposofia de Rudolf Steiner, por outro lado, identifica o espírito universal que harmoniza os opostos com o "Espírito de Cristo", uma doutrina adotada posteriormente pelo jesuíta apóstata Teilhard de Chardin. Esta harmonia de opostos inclui a união sincretista de todas as religiões e filosofias. A Antroposofia ensina, além disso, a reencarnação e o conhecimento extrassensorial do universo.

Nestes dois sistemas (C e D) vários elementos Gnósticos são re-propostos; no segundo sistema eles se fundem com o Cristianismo. Basta dizer, em relação a estas duas teorias, que os opostos, quando são contradições (como no caso do Verdadeiro e do Falso, do Bem e do Mal) são por suas próprias naturezas irreconciliáveis; e, portanto, falar de "reconciliá-los" é um absurdo. Além disso, o "Espírito de Cristo", concebido como a Divindade imanente no mundo, também é absurdo, pois, como já explicamos, Deus é, por definição, absolutamente transcendente ao mundo.

D) Nova Era

O sistema da Nova Era pode ser descrito como "A Gnose Contemporânea". Deriva-se principalmente da Teosofia, mas também contém elementos da Antroposofia e outras doutrinas gnósticas. Pretende inaugurar uma nova era para o mundo e oferecer ao homem o único caminho disponível para a salvação. É apresentado como científico e místico ao mesmo tempo. Como sistema científico, adota o slogan "Pensar globalmente", que significa olhar o mundo de forma holística como parte de um todo, mas também de uma forma sincretista, ao conciliar opostos como Verdadeiro e Falso, Bem e Mal. Como sistema místico, propõe o conhecimento e práticas ocultas para experimentar "mundos superiores": OVNI's e "espíritos", mas, sobretudo o "Eu" entendido como divino: a ser desenvolvido nesta vida e em vidas subsequentes através da reencarnação. Os defensores da Nova Era defendem que o sentir vale mais do que o entender; é fundamentalmente irracional e subjetivista.

Apresentaremos quatro elementos desta Gnose contemporânea, refutando cada um à luz da Fé e da Razão.

1) A Auto-Divinização do Homem através do Conhecimento Arcano

Este conhecimento arcano é oferecido sob a forma de práticas destinadas a permitir que o homem experimente 'O Deus Imanente'. Elas são ensinadas por homens que se apresentam como "mestres espirituais". Isso recorda o prazeroso conhecimento oferecido a Adão e Eva ao comer do fruto proibido. As práticas em questão são de fato práticas mágicas para alcançar um estado preternatural (e não sobrenatural) da alma. São simulacros de sacramentos, propostos por simulacros de mestres espirituais, santos ou profetas, para alcançar estados de união com Deus, que também são simulacros. São ficções inventadas pelo grande imitador de Deus e pai de toda a mentira que é o Diabo [8].

Quanto à ideia de um Deus imanente, repetimos que Deus é absolutamente transcendente ao mundo; Ele também está imanente de maneira limitada, mas apenas no sentido de que Ele está presente ao ser de cada coisa. No entanto, isso não permite que essa coisa, na medida em que seja consciente como é o homem, de experimentá-Lo.

2) Conhecimento Arcano

O conceito de conhecimento arcano é particularmente evidente na afirmação gnóstica de que a Igreja oculta verdades vitais para o bem ou a felicidade do homem. Como diz Santo Irineu, os gnósticos sempre alegaram possuir um conhecimento maior e mais profundo do que aquele que a Igreja revelou. Suas críticas à Igreja a este respeito recordam a dúvida de que Satanás insinuou nas mentes de Adão e Eva a respeito da boa vontade de Deus, proibindo-os de comer do fruto da Árvore.

Podemos perguntar aqui, porém, que conhecimento a Igreja deveria estar escondendo quando Ela revelou ao Homem a Realidade em seu sentido definitivo: a Verdade absoluta que é a Santíssima Trindade? - e quando Ela revelou ao homem todos os meios possíveis para alcançá-Lo e, assim, alcançar o seu fim último, que é a Beatitude Eterna? Que conhecimento é supostamente maior ou mais profundo, mais elevado ou mais útil ao homem?

3) Monismo Ontológico, ou Panteísmo

Esta doutrina é expressa na tese gnóstica difundida mesmo entre os Católicos de hoje, que a alma humana é uma centelha divina, ou a tese de que a alma e Deus são compostos de "matéria sutil". Estas são teorias tipicamente panteístas, e, em última análise, ateias. A Igreja, em contraste, ensina que matéria e espírito são dois princípios distintos, e que Deus é transcendente ao mundo.

4) Realidade Subjetiva

A tese da Realidade Subjetiva corresponde ao desprezo pela realidade objetiva descrita acima e se correlaciona com o Monismo Lógico: o conceito de que Verdadeiro e Falso podem coexistir.

Em relação à tese da Realidade Subjetiva, pode-se dizer o seguinte: o intelecto foi criado para conhecer a realidade assim como os olhos foram criados para verem os objetos. A verdade é a correspondência entre *intellectus et res*: o intelecto de um lado e do outro o res, o objeto: a realidade objetiva. Esta correspondência entre o intelecto e a realidade objetiva é a Verdade, a Verdade Objetiva. Tudo o que pensamos e dizemos, pensamos e dizemos como uma expressão da realidade objetiva. Se eu acho que estou lendo um texto, que agora eu tenho uma dor de cabeça, eu penso isso como uma realidade objetiva. Não posso negar a realidade objetiva, a verdade objetiva sobre as coisas, sem renunciar ao meu próprio intelecto, sem renunciar ao próprio uso da razão. Mesmo que eu diga que a realidade é subjetiva, eu a digo como uma expressão daquilo que considero realidade objetiva.

O conceito de realidade subjetiva tem sentido apenas em descrever erros como os de um louco, ou falar do mundo dos sentidos: do mundo privado das sensações, emoções e sentimentos. Querer emprestar alguma substância ontológica ao conceito de realidade subjetiva para substituí-lo pela realidade objetiva é pura fantasia e ilusão.

Aqui, então, estão alguns dos erros particulares da Gnose Contemporânea. Se quiséssemos identificar os erros gerais que ela compartilha com todos os sistemas gnósticos, nós nos concentraríamos no Panteísmo e no Egoísmo. Observamos que os erros do gnosticismo podem hoje ser encontrados mesmo entre os fiéis Católicos, ainda que estes erros sejam diametralmente opostos à Fé.

Talvez a maior conquista das seitas gnósticas seja apresentar um sistema mentalmente confuso como Misticismo.

Tradução: Rorate Colaborador Francesca Romana [NT]

Fonte: <http://rorate-caeli.blogspot.com/2016/12/our-11th-anniversary-birthday-gift-full.html#more>

NOTAS:

[1] Eu recomendo qualquer um que tenha um pecado de impureza na consciência (sozinho ou com outro) ou mesmo que tenha sido envolvido em práticas esotéricas, para recorrer à Confissão o mais rapidamente possível. Porque tais pecados são de matéria grave e põem em perigo a salvação.

[2] Podemos distinguir quatro atitudes concernentes a esta doutrina (que se aplica mutatis mutandis à Verdade Católica em geral): a Atitude Tradicional: que sempre foi verdadeira; a Modernista: que sempre foi falsa; a Monista Lógica: que a doutrina é (em certo sentido) tanto verdadeira como falsa ao mesmo tempo; a evolucionista: que a doutrina era verdadeira e se tornou falsa.

[4] Humanum Genus de Leão XIII "Com a maior unanimidade a seita dos maçons também se esforça para tomar para si a educação da juventude. Eles pensam que podem moldar facilmente de acordo com as suas idéias aquela idade tão tenra e flexível, e dobrá-la no sentido em que eles quiserem; e que nada pode ser mais eficaz do que isso do que capacitá-los a educar a juventude do Estado de acordo com seus próprios planos".

[5] Observamos que Monsenhor Bugnini, arquiteto do *Novus Ordo Missae*, foi, de acordo com uma opinião bem fundamentada e amplamente difundida, um Maçon.

[6] Clemente XII, Carta Aberta, citada em Les Fils de la Lumière, Roger Peyrefitte (cfr Le secret des Francmaçons, Chiré-en-Montreuil, cap.11).

[7] O cân. 2335 do Código de 1917 tinha declarado: "Aqueles que se juntam a uma seita maçônica ou outras sociedades do mesmo tipo, que conspiram contra a Igreja ou contra a autoridade civil legítima, incorrem ipso facto numa excomunhão reservada à Santa Sé" . Isto foi modificado e substituído pelo novo Canon 1374: "Uma pessoa que se junta a uma associação que trama contra a Igreja deve ser punida com uma pena justa - aquele que promove ou assume o cargo em tal associação é punido com um interdito. "A Congregação para a Doutrina da Fé reafirmou mais tarde o " julgamento negativo da Igreja sobre as associações maçônicas", a grave pecaminosidade dos fiéis que lhes pertencem e sua preclusão da Santa Comunhão, mas já não os puniu com a excomunhão.

[8] "Eu tenho que cortejar os anjos? E com que orações e quais ritos? Muitos em suas tentativas de voltar-se para Ti, e não conseguindo sozinho, dizem-me, tentaram este caminho. Exaltados, buscavam-Te com o orgulho da ciência, inchando o peito em vez de batê-lo; eles se dirigiram a eles por uma afinidade de sentir os poderes do ar, cúmplices e aliados de seu orgulho, e deixe-os se enganar com seus poderes mágicos" (Santo Agostinho).

Notas do Tradutor:

- 1- Texto originalmente escrito em alemão e traduzido para o inglês por Francesca Romana.
- 2- Traduzido do inglês para o português por Ricardo Sampaio